

O PLANEJAMENTO COMO ETAPA DA PRODUÇÃO DE UM *PODCAST* AMBIENTAL: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO COM ESTUDANTES DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

LA PLANIFICACIÓN COMO ETAPA EN LA PRODUCCIÓN DE UN *PODCAST* AMBIENTAL:
UNA EXPERIENCIA DOCENTE CON ESTUDIANTES DE 9º AÑO EN UNA ESCUELA
BRASILEÑA

PLANNING AS A STAGE IN THE PRODUCTION OF AN ENVIRONMENTAL PODCAST: A
TEACHING EXPERIMENT WITH 9TH YEAR STUDENTS IN A BRAZILIAN SCHOOL

Luciane Sandra dos Reis Ferreira*
Universidade Federal de Santa Catarina

Adair Bonini**
Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: Este artigo analisa dados relativos ao planejamento de um *podcast* escolar voltado para a problemática ambiental. Trata-se do recorte de uma pesquisa realizada em duas turmas de 9º ano de uma escola da rede de ensino do município de Florianópolis, SC, Brasil. Tanto a experiência didática quanto a interpretação dos dados se guia pelos contornos teóricos da Análise Crítica de Gêneros do discurso (ACG) (Bonini, 2013; Bonini; Yano; Rempel, 2023). Os resultados da análise evidenciam as potencialidades de um trabalho de ensino de Língua Portuguesa envolvendo a produção de *podcasts*. Apontam também aspectos que podem ser aprofundados quanto ao planejamento do *podcast* como mídia escolar e como gênero e em termos da relação entre esses dois planos.

PALAVRAS-CHAVE: *Podcast* Escolar. Mídia. Gênero do discurso. Planejamento de mídia.

RESUMEN: Este artículo analiza datos relacionados con la planificación de un *podcast* escolar centrado en cuestiones ambientales. Consiste en un extracto de una investigación realizada en dos clases de noveno grado de una escuela de la red educativa de la ciudad de Florianópolis, SC, Brasil. Tanto la experiencia didáctica como la interpretación de los datos se guían por los contornos teóricos del Análisis Crítico de Géneros del discurso (ACG) (Bonini, 2013; Bonini; Yano; Rempel, 2023). Los resultados del

* Professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa da rede municipal de ensino de Florianópolis, SC. Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Email: lucianedosreis@hotmail.com.

** Professor de Linguística Aplicada no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC. Doutor em Linguística. Pesquisador do CNPq (processo 314762/2021-3). Email: adair.bonini@gmail.com.

análisis resaltan el potencial del trabajo de enseñanza de lengua portuguesa involucrando la producción de *podcasts*. Además, señalan aspectos que pueden ser profundizados cuanto a la planificación del medio y del género *podcast* y en términos de la relación entre estos dos planes.

PALABRAS CLAVE: *Podcast* escolar. Medios de comunicación. Género del discurso. Planificación de medios.

ABSTRACT: This article analyzes data regarding a planning of a school podcast focused on environmental issues. This is an excerpt from a research carried out in two 9th grade classes at the school system of Florianópolis city, in Santa Catarina State, Brazil. Both the didactic experiment and the interpretation of data are guided by the theoretical contours of the Critical Genre Analysis (CGA) (Bonini, 2013; Bonini; Yano; Rempel, 2023). The results of the analysis highlight the potential of a work regarding Portuguese learning through podcast production. They also point out aspects that can be further explored regarding the planning of the podcast as a school medium and as a genre and in terms of the relationship between these two plans.

KEYWORDS: School podcast. Media. Genre. Media planning.

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da leitura crítica das mídias por parte dos/as estudantes continua sendo um grande desafio para as escolas brasileiras (o posicionamento crítico, por exemplo, frente às manipulações do jornalismo dominante). Trata-se de um desafio ainda maior, com o advento das novas mídias digitais, o que exige novas elaborações teóricas e didáticas; um tema devidamente sinalizado no documento de orientação curricular nacional, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018).

O *podcast* é uma dessas importantes mídias digitais da atualidade. Como uma mídia e gênero da atualidade, ele, ao ser trabalhado em sala de aula de Língua Portuguesa, oportuniza a aprendizagem, dentre outros, da leitura das mídias, da participação política igualitária em temas e problemas sociais, da oralidade e do letramento digital.

Neste contexto, o presente artigo faz uma discussão a partir de dados de uma pesquisa envolvendo uma experiência de produção de um *podcast* escolar sobre ambientalismo (Ferreira, 2023).¹ Dessa experiência, recortamos e discutimos especialmente os dados relativos ao planejamento do *podcast*, como mídia e como gênero. Nosso foco sobre esse aspecto deve-se ao fato de ser um tema ainda com pouca discussão. Em geral, as reflexões sobre produção de textos na escola envolvem apenas o planejamento do gênero, mas é preciso também considerar o planejamento da mídia de circulação da produção textual. Tomamos por base a explanação de Bonini (2017) sobre o planejamento de um jornal escolar como mídia de estudantes, na qual são abordados quatro aspectos intervenientes: a) o uso de jornais alternativos como fonte de reflexões (a presença de mídias alternativas); b) a palestra de jornalistas comunitários como fonte informações (a introdução de elementos críticos internos à mídia); c) a discussão do nome do jornal e de sua linha temática (a linha editorial); e d) a definição das seções e sua relação com essa linha temática (a organização da mídia escolar como contexto de circulação dos textos produzidos). Entendemos que procedimento similar deva se processar na produção de todas as mídias escolares (no presente caso, o *podcast* escolar).

Nas seções que se seguem, abordamos o arcabouço teórico do estudo e o objeto em questão, descrevemos a metodologia do estudo e nosso recorte, e aportamos os dados sobre o planejamento da mídia e do gênero *podcast* escolar e sua análise.

¹ A pesquisa teve aprovação do comitê de ética em pesquisa da UFSC, parecer número 5.264.825.

2 PODCAST COMO MÍDIA E COMO GÊNERO

O estudo do *podcast* aqui desenvolvido orientou-se pelo enquadramento teórico da Análise Crítica de Gêneros (ACG) (Bonini, 2013; Bonini; Yano; Rempel, 2023; Meurer, 2005; Motta-Roth, 2008). Nessa perspectiva, o gênero é estudado como elemento realizador de práticas sociais e, portanto, interveniente nas relações de poder que permeiam estas práticas, seja mantendo práticas e relações desiguais ou modificando-as.

Na teorização proposta por Bonini (2011), os gêneros são itens de interação que podem ser produzidos e recebidos no contexto de um hipergênero (um gênero formado por outros gêneros) e/ou no contexto de uma mídia (uma tecnologia de mediação que intervém na dinâmica interlocutiva básica – face a face – gerando outras formas de interação). As mídias digitais atuais, quase sempre, operam mediante um hipergênero mediador. Assim, a principal diferença entre assistir a um filme via streaming e em um VHS (fita magnética de vídeo) consiste na existência desse hipergênero mediador no primeiro caso. Tomamos o VHS como exemplo, pois o processo todo é basicamente analógico, algo já distinto no DVD, o qual apresenta um menu digital de acesso.

Bonini (2011) entende o conceito de mídia, em termos mais específicos, como o processo de mediação, através do qual os gêneros circulam socialmente. Ou seja, a mídia é uma “[...] tecnologia de mediação da interação linguageira e, portanto, do gênero como unidade dessa interação [podendo] ser identificada pelo modo como caracteristicamente é organizada, produzida e recebida e pelos suportes que a constituem” (Bonini, 2011, p. 688). Na perspectiva da ACG, o gênero é compreendido como uma unidade de interação linguageira que pode chegar até o interlocutor através da mídia, como no caso do *podcast* que realiza o processo de mediação. O *podcast*, portanto, pode ser focado tanto como uma mídia quanto como um gênero. Muitos trabalhos já se voltaram para essa caracterização como gênero (Uchôa, 2019; Ferreira; Villarta-Neder, 2020; Lottermann, 2022), mas o que se pode ressaltar nessa proposta de Bonini (2011) é a indissociabilidade entre ambos.

O *podcast* é tomado nesta pesquisa como uma mídia centrada na oralidade, que surge a partir da publicação de áudios, constituídos como gêneros orais estruturados em linguagem digital. Para Bonini (2011, p. 688), a mídia compreende

[...] um processo tecnológico de mediação da interação linguageira. Uma mídia estabelece coordenadas (processos de edição, relações espaciais e temporais particulares entre interlocutores, etc.) às quais o gênero se ajusta. [...] Em oposição ao gênero, que é uma unidade da interação linguageira, a mídia é um elemento contextualizador no interior do qual o gênero circula. [...] é a mídia que determina as coordenadas de cada gênero que nela circula.

Segundo essa explicação, o *podcast*, centrado em práticas de oralidade, compreende as práticas de preparação, produção, edição de áudios, e são distribuídos segundo a procura e o interesse dos ouvintes, com acesso disponível em tempo e local diversos².

Cada mídia, portanto, determina o modo como os gêneros se ajustam. A mídia também compreende suportes, ou seja, meios físicos materiais. Bonini (2011) define o suporte como “o *elemento material* (de registro, armazenamento e transmissão de informação) que intervém na concretização dos três aspectos caracterizadores de uma mídia (suas formas de organização, produção e recepção)” (p. 688, grifo nosso)³. No caso do *podcast*, o suporte físico, material, é o equipamento eletrônico utilizado para produção e reprodução de *podcasts* e precisa estar operando diretamente com outros equipamentos tecnológicos que tornam possível a conexão digital para armazenamento e consumo dessa mídia produzida; são “suportes encadeados na forma de um sistema” (Bonini, 2011, p. 689). Entre os equipamentos, os mais utilizados para fazer uso dessa mídia são o computador e o celular⁴.

² Há alguns canais que transmitem episódios ao vivo para os ouvintes, em um horário pré-determinado, para somente depois editar e compartilhar com agregadores.

³ Esse conceito de suporte se apoia significativamente nas reflexões de Távora (2008).

⁴ Freire (2013, p. 59) faz menção a equipamentos como “tocador de áudio digital” como *Ipod*, reprodutores de MP3, aparelhos de MP4. Entretanto, com o desenvolvimento tecnológico dos aparelhos celulares, com suas múltiplas funções, outros equipamentos específicos para áudio tornaram-se obsoletos.

Com base na perspectiva da ACG, Bonini (2011) estabelece vínculo entre a mídia e o suporte. Ao refletir sobre as relações entre suporte, mídia e gênero, o autor afirma que o suporte, como parte integrante da mídia, determina o contexto imediato do gênero. A forma de organização dos *podcasts* depende dos suportes utilizados (microfone, computador, celular etc.), das formas de funcionamento do suporte (software para gravação, edição, publicação, sistema RSS⁵ etc.) e das práticas que envolveram a produção, como práticas de oralidade, de gravação, edição, dentre outras. Para que os episódios estejam disponíveis, essa mídia precisa ter uma memória como suporte técnico; para a produção, é preciso fazer a captação do áudio através de um microfone. Se o microfone apresentar problema de captação, o *podcast* terá dificuldade de êxito. Embora os suportes sejam essenciais para o funcionamento da mídia, não são centrais em sua organização, pois a mídia tem uma estrutura própria.

Uma das principais características do *podcasts*, de acordo com Freire (2013), é seu formato de distribuição, o que é um elemento central para entender seu funcionamento como mídia. Com exceção das plataformas de streaming de vídeo, como o *YouTube*, que hospedam e disponibilizam *podcasts* em vídeos (áudio filmado – *videocast*), a publicação de *podcasts* orais, em geral, é realizada a partir de uma hospedagem e de um agregador. Freire (2013) explica que a hospedagem é um serviço de armazenamento automatizado que, além de armazenar, distribui o conteúdo produzido e permite que ele chegue até os agregadores. Fazendo uma analogia, é como se a hospedagem fosse o Código de Endereçamento Postal (CEP) do *podcast* e os agregadores fossem os carteiros, aqueles que distribuem todo conteúdo produzido sob demanda. Freire (2013, p. 60) define o agregador como um distribuidor de *podcasts*; são sites/plataformas/aplicativos que “[...] acessa[m] periodicamente o site dos *podcast* assinados [que atuam como hospedagem do conteúdo] para, se acontecer alguma atualização, baixar automaticamente os episódios mais recentes” e disponibilizar, então, para os ouvintes acessarem ou baixarem. São exemplos de agregadores os sites/plataformas/aplicativos *Anchor*, *Spotify*, *Deezer*, *Google Podcast*, *Apple Podcast*, *Castbox* e *Soundcloud*. Alguns sites e plataformas atuam tanto agregando como hospedando *podcasts*, a exemplo do *Anchor*, cuja hospedagem é gratuita. Em plataformas diferentes, pode haver diferentes recursos para gravação, edição, publicação e distribuição de conteúdo. As hospedagens podem ser gratuitas ou pagas, sendo que a disponibilização de recursos para gravação, edição, publicação e distribuição variam muito de uma para outra.

Bonini (2011) também propõe que, no interior das mídias, circulam gêneros e hipergêneros, não sendo raro que esses hipergêneros se constituam no principal elemento de funcionamento da mídia e com elas se mesclam. Ele define hipergêneros como

[...] gêneros [...] produzidos em agrupamento, compondo uma unidade de interação maior (um grande enunciado) [...]. Todo hipergênero, como o jornal, a revista, o site, apresenta um sistema de disposição dos enunciados que envolve gêneros organizadores (sumário, introdução, editorial, chamada, etc.) e gêneros de funcionamento (notícia, romance, tratado, entrevista, etc.). (Bonini, 2011, p. 692).

Embora algumas mídias apresentem hipergêneros discretos (como os programas na televisão), nas mídias em que há um hipergênero organizador (que vamos chamar aqui de um hipergênero mediador), ele serve como um contexto de operação do gênero final da mídia (no caso do jornal, a notícia, a reportagem etc., ou no caso do canal de *podcast*, o próprio *podcast*).

Cada episódio do *podcast* também pode ser considerado um hipergênero, no sentido proposto por Bonini (2011), uma vez que compreende um todo composto de gêneros organizadores (vinheta de abertura, abertura, encerramento e vinheta de encerramento) e um ou mais gêneros de funcionamento (entrevista, roda de conversa, debate, reportagem, aula expositiva, *stand up comedy*, biografia, por exemplo). Ainda que constituído na forma similar a um programa de rádio, o *podcast* apresenta, contudo, um diferencial, ao poder ser acessado sob demanda e escutado como plano de fundo na realização de outras atividades. Conforme Williams (2007, *apud* Freire, 2013, p. 67), o *podcast* é “[...] uma programação de áudio, com diferentes tipos de registros (entrevista, palestra, exposição, aula) sobre os mais variados assuntos, disponibilizada na rede”.

⁵ “RSS - Abreviação de ‘Really Simple Syndication’, que significa “Distribuição Realmente Simples”. Trata-se de uma ferramenta que permite a assinatura de conteúdos digitais periódicos, os quais são recebidos quando de sua atualização. A funcionalidade é utilizada costumeiramente para a assinatura de *blogs* e *podcasts*” (Freire, 2013, p. 332, grifo do autor).

Considerando que o *podcast* envolve tanto um processo de edição e disponibilização do material quanto a própria interface de acesso ao episódio, podemos dizer que há aí dois hipergêneros mediadores envolvidos: o editor e o visualizador. A plataforma *Anchor*, dentre outras, foi tomada como exemplo desse funcionamento por ter sido aquela usada durante a pesquisa. Na Figura 1, podemos visualizar o hipergênero editor da Anchor, dividido entre o menu de ações e o campo do material em trabalho (o *podcast* em edição).

A hospedagem/agregador *Anchor* foi comprada pelo *Spotify*⁶ e, portanto, todo conteúdo hospedado nela é distribuído automaticamente nesse agregador e no próprio *Anchor*. A plataforma coloca como opcional o redirecionamento automático para os demais agregadores. Os *podcasts* produzidos durante essa pesquisa estão disponíveis apenas nos agregadores *Anchor* e *Spotify*.

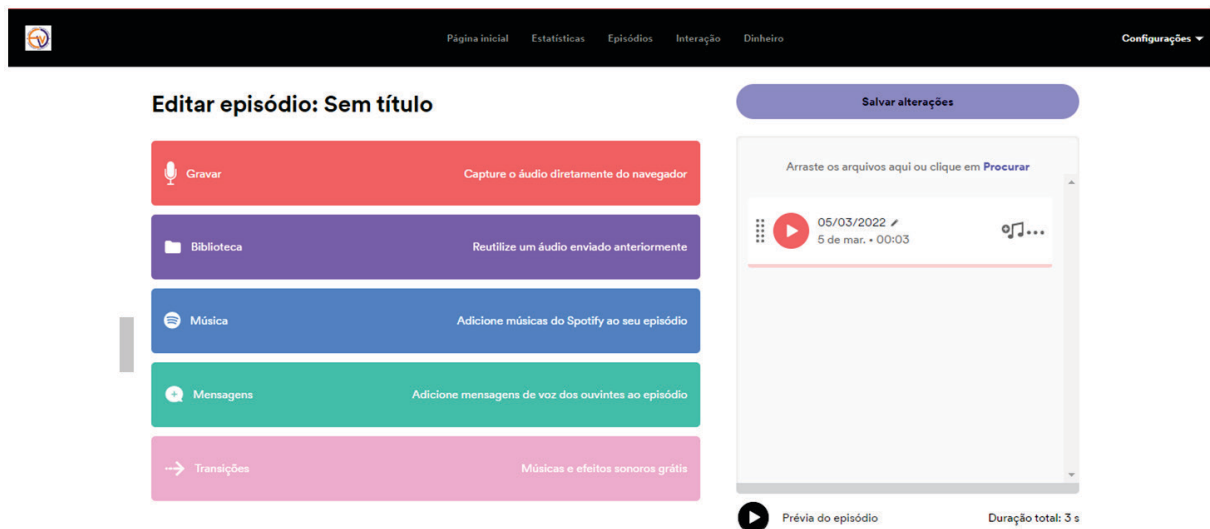


Figura 1: Página de gravação e edição de áudio na plataforma *Anchor*

Fonte: captura de tela da página de gravação do *Anchor* (2023)

Após o episódio estar gravado e editado, o hipergênero editor fornece coordenadas para publicação do *podcast*. Como é possível observar na Figura 2, para publicar (após criar – gravar e editar – o episódio na plataforma ou realizar o upload do áudio pronto), a própria hospedagem pede que seja dado um título ao episódio, feita uma descrição e escolhida uma data para publicação. Geralmente, as temporadas e os números para identificação do episódio do *podcast* são mostrados no título.

⁶ De acordo com a Revista Exame.

Opções do episódio

Criado em: 05/03/23 às 6:17 PM

Atualizar rascunho salvo

Publicar agora



05/03/2023 63.55 KB | 00:04

Excluir

Edite seu áudio

Título do episódio*

Como quer chamar este episódio?

0 / 200

Descrição do episódio*

MUDAR PARA HTML



O que mais você quer contar aos seus ouvintes?

11 / 4000

Data de publicação:


Agora

Figura 2: Hospedagem para criação de episódio de *podcast*.

Fonte: captura de tela do site de publicação do *Anchor* (2023)

O hipergênero editor também oferece recursos de interação. O *podcast* pode, assim, deixar de ser uma mídia passiva (caso tais recursos sejam utilizados e disponibilizados pelo produtor) e passar a ser uma mídia interativa, como indica a Figura 3, com opções de enquetes e caixas de perguntas.

Enquetes (disponível somente no Spotify)




Use as Enquetes para interagir com os ouvintes diretamente do seu episódio.

Adicionar uma enquete

Caixas de perguntas (disponível somente no Spotify)

 Como funciona



O que você achou deste episódio?

Excluir pergunta

Editar pergunta

A pergunta foi adicionada automaticamente. Desative esse recurso para episódios futuros nas [configurações do podcast](#).


Figura 3: Hospedagem para criação de enquetes e caixas de perguntas

Fonte: captura de tela do site de publicação do *Anchor* (2023)

O hipergênero editor oferece, além disso, campos de preenchimento para a organização do canal (do hipergênero visualizador): número da temporada, número do episódio, tipo de episódio e de conteúdo (Figura 4).

Personalize este episódio (Opcional)

1	Número da temporada	<input type="text"/>
2	Número do episódio	<input type="text"/>
3	Tipo de episódio	<input checked="" type="radio"/> Completo <input type="radio"/> Trailer <input type="radio"/> Bônus
4	Conteúdo	<input checked="" type="radio"/> Limpo <input type="radio"/> Explícito



Enviar uma nova arte para o episódio

Figura 4: Hospedagem para criação de temporadas de *podcast*

Fonte: captura de tela do site de publicação do *Anchor* (2022)

Conforme são feitas seleções no hipergênero editor, vai se configurando o hipergênero visualizador. Assim, o *podcast*, que já se configura como um hipergênero (composto por vinheta de abertura, abertura, desenvolvimento na forma de um ou mais gêneros – entrevista por exemplo – e encerramento), é lido no interior de um hipergênero visualizador, como se pode ver na Figura 5 (o *podcast* 37 Graus).

No hipergênero visualizador, cada episódio pode pertencer a uma temporada ou a uma seção específica, definido por uma temática determinada, com a possibilidade de fazer referência a conteúdos, a comentários ou a citações anteriores, dando sequência ao assunto. Desse modo, cada episódio pode fazer parte de um grande enunciado, um hipergênero, e se relacionar com os demais gêneros produzidos.

Essa forma de organização que oportuniza o funcionamento de um sistema remissivo caracteriza a alternância dos sujeitos e enunciados nas práticas discursivas à medida que o outro pode se pronunciar sobre uma fala anterior. O hipergênero visualizador do canal de *podcast* 37 Graus⁷ mostra as temporadas divididas de acordo com a capa dos episódios, com trailer de cada temporada (as duas últimas intituladas “Vem aí:”) e episódios divididos em duas partes.

⁷ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/5dvalmeT4P8oIWcPfOm9GT>. Acesso em: 11 mar. 2023.

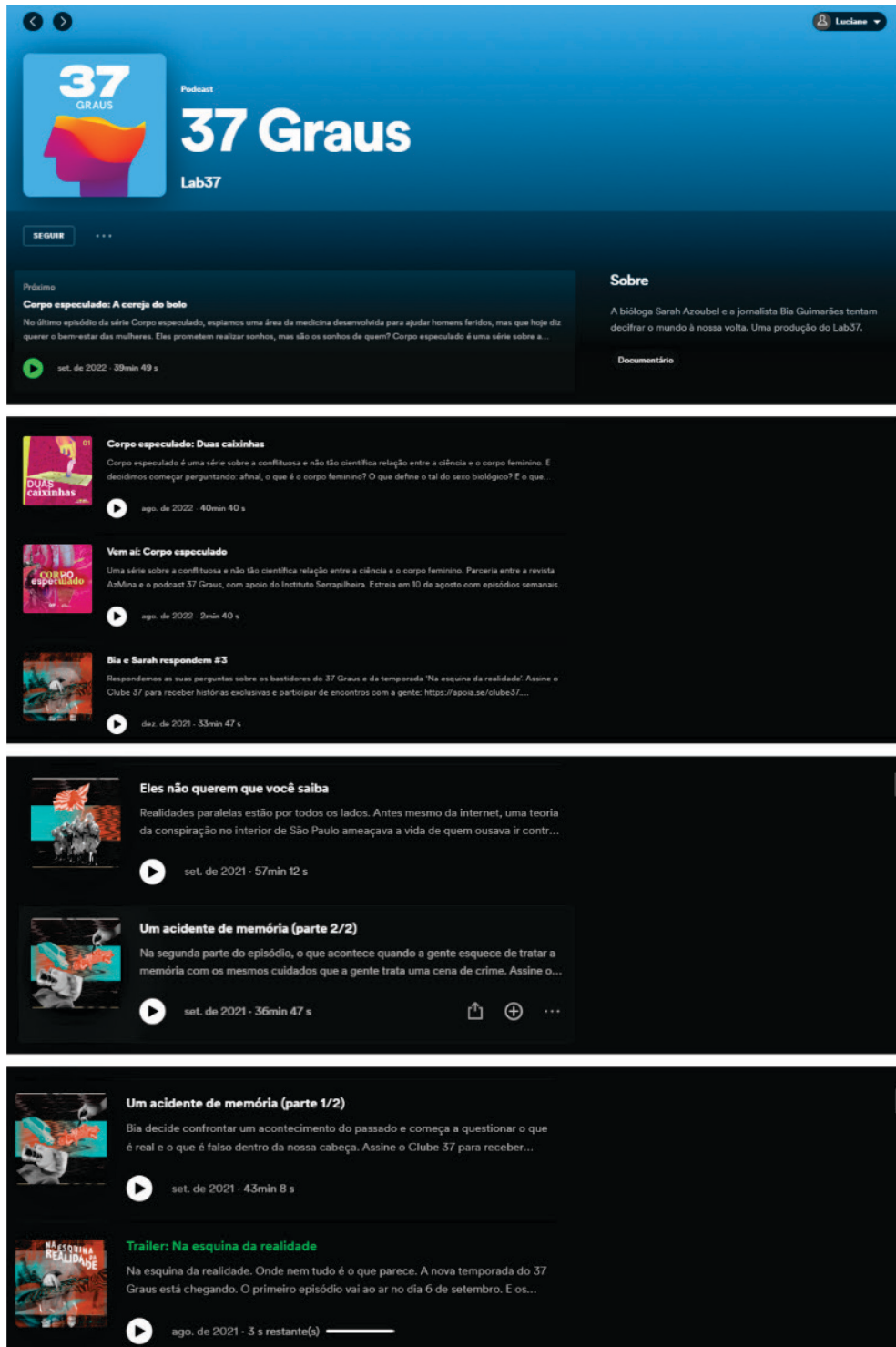


Figura 5: Forma de organização do canal de *podcast* 37 Graus

Fonte: Captura de tela do canal 37 Graus (2023)

Outra característica do hipergênero visualizador e de seus gêneros organizadores é a possibilidade de disponibilizar, além do próprio episódio do *podcast*, também trailers ou conteúdos já produzidos com a opção bônus, ou seja, os episódios podem ser classificados como “completo, trailer ou bônus”.

Quando alguém acessa um *podcast* para escutar irá se orientar pelo hipergênero visualizador, mas irá escolher um gênero de *podcast* específico: um programa de notícias, um programa de entrevistas, a explicação de temas, uma aula de língua estrangeira etc. Para uma análise crítica de gêneros, interessa observar como esses gêneros reproduzem ou alteram representações sociais: modos de ser, de se relacionar com os outros ou de explicar o mundo. Nossa opção foi por trabalhar com os/as estudantes um

podcast do tipo jornalístico alternativo, com discussões sobre ambientalismo. Ou seja, procuramos focar, na presente pesquisa, dois problemas sociais: a democratização dos meios de comunicação (com uma maior horizontalização da mídia jornalísticas) e a construção de um ambientalismo crítico (para além da simples cobrança do comportamento ecorresponsável ao indivíduo).

3 METODOLOGIA

A pesquisa da qual aqui se faz um recorte foi organizada como uma experiência de ensino e aprendizagem envolvendo uma organização interdisciplinar. Para dar conta do que foi desenvolvido, enfocamos, abaixo, o campo e os/as participantes, os métodos empregados, e alguns dados da intervenção pedagógica realizada.

3.1 CAMPO E PARTICIPANTES

A pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2022, no período de março a julho, na Escola Básica Municipal Virgílio dos Reis Várzea (doravante escola Virgílio Várzea, como é popularmente conhecida pela comunidade escolar), localizada no bairro de Canasvieiras, em Florianópolis. Nessa escola, a professora pesquisadora estava incumbida dos componentes curriculares Língua Portuguesa e Língua Inglesa, desde 2014. Desde 2015, contudo, passou a atuar exclusivamente como professora de Língua Portuguesa. Além da professora pesquisadora, participaram da investigação os estudantes de 9º Ano do Ensino Fundamental e a assessora da Escola do Mar, responsável pelo projeto interdisciplinar associado à pesquisa.

A escola Virgílio Várzea deu início às atividades pedagógicas no início do ano letivo de 2013 com atendimentos a estudantes que moram no Norte da Ilha de Santa Catarina. Segundo o Projeto Político Pedagógico da unidade educativa de 2022, nela são atendidos estudantes da faixa etária de 4 a 14 anos, sendo o Ensino Fundamental composto por duas turmas referentes a cada Ano escolar – de 1º ao 9º Ano – totalizando 18 turmas, além de quatro grupos de atendimento à Educação Infantil, sendo dois deles em período integral. Em diagnóstico realizado de acordo com as matrículas escolares, consta no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola que 74% dos adultos responsáveis pelos estudantes se autodeclararam brancos e pardos⁸; e a maioria desse grupo concluiu o Ensino Médio. Os indicadores socioeconômicos revelam a predominância do modelo familiar nuclear (pai, mãe e filhos) e a situação de baixa renda, com 10,32% das famílias recebendo auxílio do governo. Esses dados revelam também que 73% das famílias declaram ter moradia própria e 84% têm acesso à internet e equipamentos para acessá-la em suas casas.

A opção por trabalhar com duas turmas simultaneamente visou manter a atividade o mais próximo possível da realidade do professor de Língua Portuguesa em sala de aula e ampliar o número de dados para uma análise mais abrangente. Neste trabalho, contudo, não é feita discussão comparativa entre as duas turmas. A Turma A foi composta por 33 estudantes no primeiro bimestre e 30 estudantes no segundo bimestre, sendo que aceitaram participar da pesquisa 24 estudantes. A Turma B foi composta por 31 estudantes no primeiro bimestre e 33 estudantes no segundo bimestre, dos quais 26 aceitaram participar da pesquisa.

Além do trabalho em sala de aula de Língua Portuguesa de produção do *podcast*, foi desenvolvido um projeto paralelo com aulas sobre ecologia que visavam ajudar na discussão da temática dos *podcasts*. Essas aulas foram conduzidas pela Escola do Mar, um órgão da secretaria municipal de educação destinado à promoção de educação ambiental marítima e costeira, que visa assessorar às escolas da rede municipal neste trabalho educacional, dentre outras atividades, fornecendo estrutura e corpo técnico para saídas de campo.

O projeto proposto por Rosângela Teixeira Garcia, assessora da Escola do Mar, intitulado *Rios e Mar: relações e influências*, seria oferecido, a princípio, para os 6º Anos do EF, em parceria com o Instituto SOS Mata Atlântica e com o Instituto do Meio Ambiente de Santa Catarina (IMA). Como a pesquisa compreendia estudantes dos 9º Anos do ensino fundamental, ela aceitou ampliar o projeto para incluir os 9º Anos. Os professores de Geografia e da Sala de Ciências da escola Virgílio Várzea aceitaram

⁸ No PPP da escola não consta a porcentagem referente a estudantes pretos e indígenas.

participar e auxiliar no desenvolvimento do projeto *Rios e Mar: relações e influências*. No decorrer da pesquisa, os professores de Ciências (de sala de aula) e de Matemática⁹ também participaram junto à Escola do Mar.

3.2 MÉTODOS EMPREGADOS

A pesquisa teve cunho qualitativo. De acordo com Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa é tida como um conjunto de atividades interpretativas que situam o/a pesquisador/a no mundo. Nesse caso, o/a pesquisador/a se envolve em práticas sociais de caráter pragmático e autorreflexivo, pois reconhece sua fala a partir do seu olhar ideológico e político.

Os trabalhos em sala de aula orientaram-se pela perspectiva da Pesquisa Participante (doravante PP) (Demo, 2008), na qual os/as estudantes são participantes ativos, tanto refletindo sobre o conhecimento a desenvolver quando tomando decisões sobre as atividades, em assembleias, durante o processo da pesquisa. Além de considerar esse processo de participação e construção do conhecimento, a geração de dados da pesquisa também compreendeu outros instrumentos, a saber: o diário de campo, entrevistas de grupo focal, o documento base da unidade educativa (PPP) e os *podcasts* produzidos em campo.

As transcrições dos *podcasts* tomaram por base as notações apresentadas em Dino (1999) e Bulla, Garcez e Loder (2014), conforme são demonstradas no Quadro 1.

SINAIS	OCORRÊNCIAS
.	Ponto final – final de sentença
,	Vírgula – entonação de continuidade
?	Ponto de interrogação – sinal de questionamento
↑	Mais agudo (entonação)
↓	Mais baixo (entonação)
() ou ((intel))	Palavras ou segmentos ininteligíveis
Pala- (hífen)	Palavra interrompida de forma abrupta ou desvio temático
<u>Palavra</u> (sublinhado)	Sílaba ou palavra enfatizada
Pala::vra (:: ou :::)	Prolongamento de vogais e consoantes
... (reticências)	Pausa curta
(.) (um ponto entre parênteses)	Pausa de 3-10 segundos
°palavra° (sinal de graus)	Fala mais baixa (volume mais baixo)
PALAVRA (maiúsculas)	Intensidade maior de volume
{palavra}	Pronúncia pontuada para cada palavra.
>palavra< (maior e menor)	Fala acelerada
<palavra> (menor e maior)	Fala desacelerada
(palavra) (parênteses)	Hipótese de palavra

⁹ Com a leitura dos dados, elaboração de gráficos e projeção para os próximos meses com base nos dados anteriores.

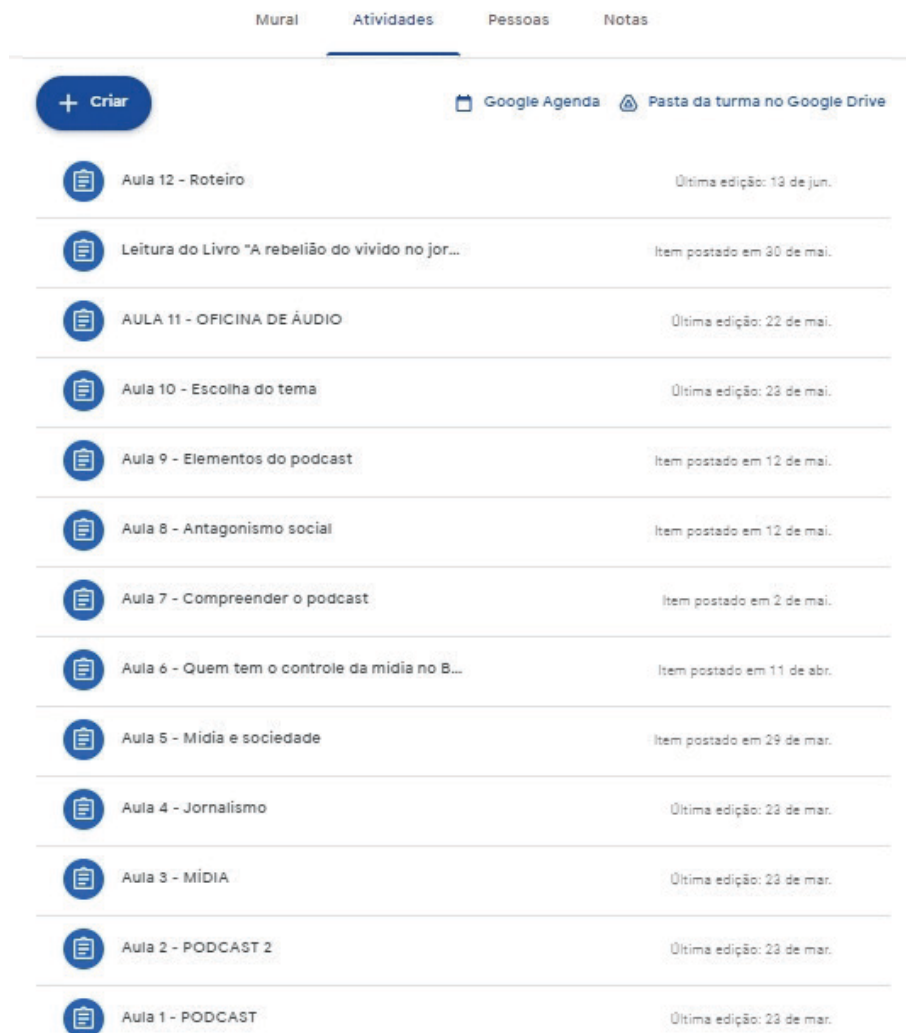
[palavra entre colchetes]	Marca falas simultâneas por falantes diferentes
((palavra)) (parênteses duplo)	Descrição de ações, atividade não-vocal
“palavra” (aspas)	Citações

Quadro 1: Convenções de transcrição

Fonte: adaptado de Dino (1999) e de Bulla, Garces e Loder (2014)

3.3 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Ao todo foram planejadas treze aulas, cada uma com um número diferente de horas-aula, como se poder ver na Figura 6. Nesse roteiro, havia momentos de reuniões com tomadas de decisões por partes dos/as envolvidos/as, conforme aponta a metodologia da PP.

**Figura 6:** Sala de aula virtual

Fonte: captura de tela da página de atividades do Google sala de aula (2022)

Além das diversas atividades de análise e discussão de *podcasts*, em uma aula a professora pesquisadora expôs um esquema de organização do gênero (Figura 7).

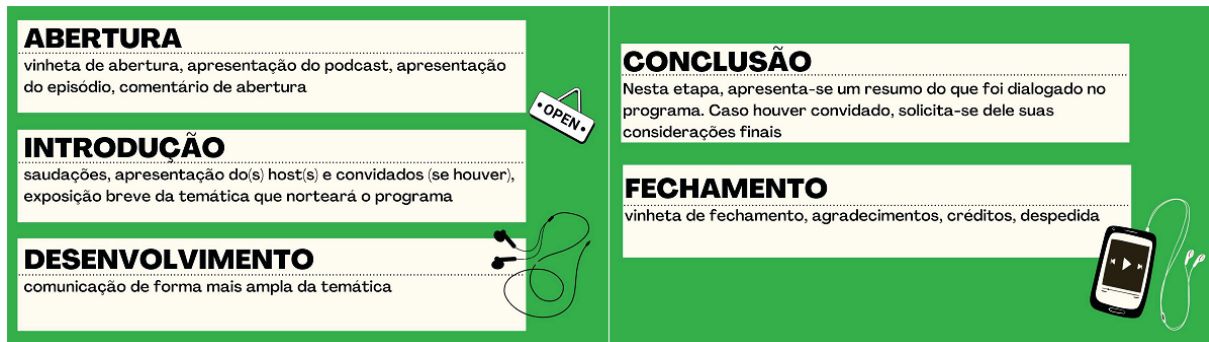


Figura 7: Orientação sobre a forma de organização de *podcasts*

Fonte: Ferreira (2023)

Cabe mencionar que a escola Virgílio Várzea já dispunha de um canal de *podcast* chamado *Âncora* (nome do projeto do contraturno escolar de 2019, cujo tema eram questões ambientais), hospedado no *Anchor*, com três episódios na primeira temporada e com os temas consumo consciente e obsolescência programada. Foi nesse canal que os *podcasts* produzidos na pesquisa foram publicados (Figura 8), na mesma mídia, na segunda temporada, dando-lhe continuidade.

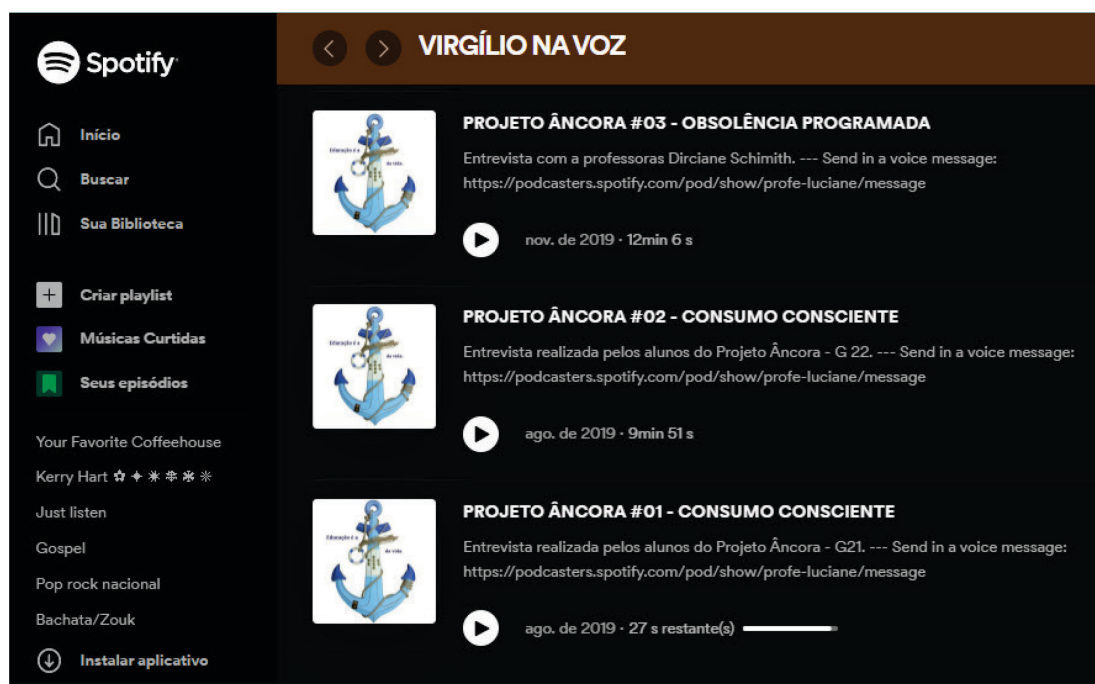


Figura 8: Primeira temporada do *podcast* da EBM Virgílio dos Reis Várzea

Fonte: captura de tela do *podcast* VIRGÍLIO NA VOZ (2022)

Os estudantes propuseram alterar o nome do canal e sugeriram alguns nomes para o *podcast* que estivessem mais relacionados a eles e aberto a diferentes temáticas. Os nomes foram colocados em votação e para, assim, renomear o canal que, conforme o Gráfico 1, passou a ser chamado *VIRGÍLIO NA VOZ*. Além das duas temporadas (a produzida e a que estava em produção), esse seria, segundo os estudantes, o melhor nome para representar as demais, se/quando produzidas.

Qual nome para o podcast da escola melhor representa você?
41 respostas

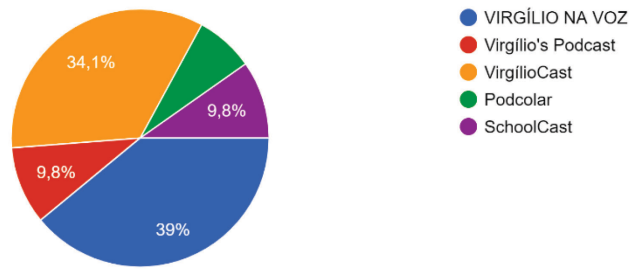


Gráfico 1: Votação para escolha de nome para as novas temporadas

Fonte: captura de tela do formulário do *Google* para votação (2022)

A diagramação e o *layout* do canal são feitos pelo próprio agregador (*Spotify*), como mostra a Figura 9.



Figura 9: Layout do canal do VIRGÍLIO NA VOZ

Fonte: captura de tela do canal VIRGÍLIO NA VOZ, no site do *Spotify* (2022)

Ao todo, os estudantes envolvidos na pesquisa produziram onze episódios de *podcasts* na segunda temporada do canal, com diferentes formas de organização, cuja temática foram as problemáticas ambientais no bairro de Canasvieiras (Quadro 2)¹⁰.

No momento de produção dos *podcasts*, os estudantes estavam sendo atendidos em grupos individuais no contraturno; já não estavam mais acontecendo encontros com a turma com todos os estudantes reunidos. Cada *podcast* foi gravado por um grupo de estudantes que se coordenou entre si. O tempo de duração variou entre 0:3:37 a 0:45:26.

2ª Temporada	Episódio ¹¹	Duração	Participantes
Problemáticas ambientais em Canasvieiras	#1 Superpopulação em Canasvieiras	28:04	Eva; Andreia
Problemáticas ambientais em Canasvieiras	#2 O tratamento de esgoto em Canasvieiras	45:26	Lais; Bianca; Elton; Meire

¹⁰ Hospedados no *Anchor* e divulgados no agregador *Spotify*. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/6VF3UAF3oZ3fWDkAoqeP>.

¹¹ O símbolo # representa "episódio".

2ª Temporada	Episódio ¹¹	Duração	Participantes
Problemáticas ambientais em Canasvieiras	#3 A poluição no rio do Braz	38:23	Edina; Letícia; Míriam; Celso
Problemáticas ambientais em Canasvieiras	#4 A poluição no rio do Braz	26:10	Franciele; Jorge; Marcelo; Michele; Érica
Problemáticas ambientais em Canasvieiras	#5 Rio do Braz <i>podcast</i>	5:55	José; Peter; Maki; Marcos
Problemáticas ambientais em Canasvieiras	#6 Macrófitas no rio do Braz	3:47	Elias; Jonas; Vânio
Problemáticas ambientais em Canasvieiras	#7 O despejo do esgoto no rio do Braz	4:37	Valéria; Anelise; Paulo; Gilberto
Problemáticas ambientais em Canasvieiras	#8 Gavião Chimango	21:59	Cláudio; Jaqueline; Gael
Problemáticas ambientais em Canasvieiras	#9 O impacto do microlixo em Canasvieiras	18:02	André; Tiago; Márcia; Kaio; Célio
Problemáticas ambientais em Canasvieiras	#10 A relação do dinheiro com o meio ambiente em Canasvieiras	24:56	Giulia; Taís; Kátia
Problemáticas ambientais em Canasvieiras	#11 O microlixo na escola	3:37	Gustavo; Enzo; Jaison

Quadro 2: Descrição dos episódios produzidos

Fonte: Ferreira (2023)

4 O PLANEJAMENTO DO *PODCAST*

O planejamento do *podcast* ocorreu via esboço sugerido pela professora, como pesquisadora, nas aulas 10 e 12, antes da produção de um roteiro, e teve como intento refletir sobre como se desenvolveria o processo de gravação. O planejamento da atividade pela turma envolveu alguns aspectos como elencar problemáticas ambientais identificadas pelos estudantes, escolher qual seria o tema de meio ambiente sobre o qual a comunidade local precisaria ouvir, identificar o perfil dos possíveis ouvintes, para a partir disso determinar a linguagem, o formato e funcionalidade do *podcast* a ser gravado e, só então, pensar em sua organização final. A partir da orientação do esboço de planejamento dado pela professora pesquisadora, conforme a Figuras 10 e 11, os estudantes iniciaram o processo de produção do roteiro.

As práticas que envolveram o planejamento e a produção do roteiro, de certo modo, foram um desafio aos/às estudantes, associado às demais práticas e ao modo como os grupos se organizaram para a produção do *podcast*, como relatam os estudantes na entrevista de grupo focal: “[...] a gente tinha que... tinha o negócio pra fazer roteiro, tinha o negócio pra gravar, tinha gente que ia pesquisar, gente que ia entrevistar e, hum... tipo, já tava tudo montadinho, tipo, tava tudo... o plano tava feito, entende? [...] o que é fácil pra umas pessoas, pra mim já é meio complicado”, “tem todo um plane... planejamento pra fazer isso. [...] Maior dificuldade”.

Aula 12 - Roteiro

LUCIANE FERREIRA • 30 de mai. de 2022 Editado às 17 de out. de 2022

100 pontos

ROTEIRO DO PODCAST

Leia com atenção, crie um documento e responda as questões a seguir.

Chegou a hora de produzirmos o nosso podcast. Nós vamos criar podcasts sobre questões ambientais. Observe, na comunidade escolar, se há problemas ambientais relacionados ao abastecimento de água, saneamento, tratamento de resíduos, ocupação urbana, entre outros. É a partir dessas observações que iniciaremos nosso trabalho. A seguir você encontrará algumas perguntas que poderão lhe auxiliar na elaboração do roteiro.

1. Quais foram os estudantes desse grupo que realizaram a pesquisa ambiental?
2. Faça uma lista dos problemas ambientais observados por você e pelos seus colegas.
3. A produção de podcasts não se resume ao entretenimento dos ouvintes. Ao produzirmos um podcast, pretendemos alcançar um determinado grupo de pessoas. A linguagem é a forma como agimos sobre as pessoas e como as pessoas agem sobre nós, é como interagimos com o mundo social. **Escolha entre os problemas listados um tema para falar a respeito.** Pense em como o podcast criado por você pode atuar sobre esse problema ambiental da sua comunidade. Não se esqueça: para que a questão seja resolvida, é necessário o envolvimento de pessoas da comunidade e/ou pressão política.
4. Possíveis ouvintes. Qual é o perfil do grupo social a quem se destinará esse podcast? Qual é o efeito que você pretende causar no ouvinte? Como isso ajudará no enfrentamento do problema em questão?
5. Determine o formato que o podcast terá.
6. Em conversa com os colegas, estabeleça a funcionalidade do podcast.
7. Qual linguagem será mais adequada para atingir o grupo de ouvintes de acordo com o perfil traçado por vocês e de acordo com a finalidade pretendida?
8. Qual é a pauta sobre o tema escolhido? O que os ouvintes do grupo social escolhido precisam saber a respeito desse tema?

Figura 10: Planejamento para a produção do roteiro – parte 1

Fonte: Ferreira (2023)

Segundo Peres e Schmitz (Como [...], 2020), um modelo padrão adotado pelos grandes produtores de *podcasts* jornalísticos é composto por alguns elementos como vinheta, introdução (com a apresentação das pessoas presentes e do assunto a ser abordado), desenvolvimento da pauta, conclusão e fechamento, sendo que, em alguns casos, pode haver outros elementos como propagandas, músicas etc. Há os elementos que surgem obrigatoriamente, caso utilizados, antes do desenvolvimento da pauta, como a vinheta de abertura, a introdução, e os que são posicionados após a pauta, como a conclusão e o fechamento. Entretanto, não há uma ordem pré-determinada do uso desses elementos; essa ordem pode variar de canal para canal de *podcast*, de episódio para episódio.

9. Crie um título para o seu podcast.

10. Quem apresentará o podcast? Será um ou mais hosts?

11. Mãos à obra!! Com todas as informações acima já definidas, comece a escrever. Determine como será o seu podcast. Selecione e organize na ordem que achar melhor os elementos que farão parte dessa primeira etapa.

12. A próxima etapa é desenvolver a introdução do episódio. Não esqueça de fazer uma breve apresentação temática. Para isso, faça uma descrição clara e objetiva do tema com dados da pesquisa, importância social, econômica, etc. Porém, o tema não pode ser esgotado nesse momento inicial e nem se pode avançar muito a serem apresentados. As informações deverão ser desenvolvidas e apresentadas durante o episódio.

13. Desenvolva o tema escolhido. Apresente aos ouvintes o tema por completo, amplie o assunto abordado com novas informações que você supõe que os ouvintes precisam saber. Explore a linguagem como você a encontra no seu cotidiano, de forma que as pessoas de sua comunidade compreendam o que está sendo dito.

14. Finalize o podcast com as suas considerações finais sobre o assunto. Caso haja mais de um host, ou caso todos poderão dar seu parecer final sobre o tema.

15. Chegou o momento de dizer adeus. Estabeleça quais são os elementos que você usará para a despedida, não esqueça, não pode faltar os **créditos**!

Preencha a tabela do roteiro (em anexo) com os detalhes de seu podcast após responder as questões anteriores.



Figura 11: Planejamento para a produção do roteiro – parte 2

Fonte: Ferreira (2023)

O planejamento mostrou-se necessário para que os/as estudantes identificassem os elementos que poderiam compor um *podcast* e como esse poderia ser organizado. Entretanto, na prática, o planejamento que deu origem ao roteiro serviu em muitos casos como guia, norte, para a gravação no lugar do próprio roteiro. Dolz e Schneuwly (2011) explicam que há uma relação entre a linguagem oral e a linguagem escrita, e que há a necessidade de se trabalhar as diversas práticas de oralidade frente às diversas relações que essas têm com a escrita. Ao falar sobre o gênero Exposição Oral, Baltar (2013, posição 1798) menciona a necessidade de “[...] cultivar algumas habilidades da pauta da escrita, como o planejamento e a organização do que vai ser dito, por intermédio, por exemplo, da elaboração de roteiros”.

Para Dolz e Schneuwly (2011, p. 140), uma “[...] atividade como a leitura para o outro [...] encontra-se no cruzamento entre o oral e a escrita”. Nos *podcasts*, todos os grupos leram um pequeno trecho (por exemplo, na vinheta e na introdução) ou o texto-base quase por completo. Portanto, além do roteiro servir como guia para a gravação, também serviu como texto suporte para leitura. Ao serem perguntados/as sobre o porquê de optar por ler, surgiram falas como, “é porque, assim, a gente pensou pra poder escrever aquilo”, ou seja, eles pesquisaram, pensaram e escreveram e, por isso, provavelmente, queriam ler, sem ter a chance de titubear sobre o assunto, ou de falar de forma não pertinente. Dolz e Schneuwly (2011, p. 137), a esse respeito, referem-se ao fato de a linguagem oral ser geralmente considerada “[...] pobre, comum, distensa, popular e mal estruturada”, em oposição à escrita que é vista como a forma padrão¹². Marcuschi (2007, p. 61) também aponta que “[...] as diferenças entre a fala e a escrita se dão dentro do contínuo da produção textual”, o que, assim, coloca o *podcast* como um texto oral com elementos de escrita, diferentemente das palestras lidas, as quais são textos escritos com elementos de oralidade.

¹² Os autores esclarecem que a multiplicidade da escrita também pode se dar de modo informal, popular e familiar. Eles afirmam que “as formas padrão e não padrão manifestam-se tanto no oral quanto na escrita”. (Dolz; Schneuwly, 2011, p. 137).

As atividades que envolveram o planejamento e a produção do roteiro foram realizadas no contraturno, como consta no diário de campo, entre os dias 06/06 e 15/07/2022, com atendimentos semanais aos grupos para organização do roteiro, gravação e edição. Cada grupo teve apenas um, no máximo dois atendimentos, para analisar o que estava sendo escrito no roteiro; e logo em seguida os alunos passaram para gravação. Esse pode ser um dos motivos pelo qual alguns grupos tenham optado por não seguir o roteiro em termos da escolha do gênero e forma de organização conforme haviam previsto.

Nenhum dos grupos seguiu o roteiro que tinha escrito por completo. Como indica o Quadro 3, dos onze *podcasts*, cinco leram muitos trechos do texto escrito, cinco deles usaram trechos curtos (como em vinhetas, ou ao fazer uma pergunta) e apenas um grupo não leu trechos escritos no roteiro (não escreveu o roteiro, apenas respondeu algumas perguntas do planejamento), e fez uso de falas espontâneas. Além dessas características, os *podcasts* foram construídos, unanimemente, por vozes além das dos estudantes, com discursos de especialistas (no caso do episódio #7 pela inserção de fala de programa televisivo).

Episódio	Seguiu o roteiro	Seguiu o roteiro em partes	Seguiu o roteiro em trechos curtos	Não seguiu o roteiro	Convidados(as)
#01 Superpopulação em Canasvieiras					Professor de História
#02 O tratamento de esgoto em Canasvieiras					Funcionários da CASAN ¹³
#03 A poluição no rio do Braz					Presidente do Instituto SOS Rio do Brás e pescador
#04 A poluição no rio do Braz					Engenheiros Químicos
#05 Rio do Braz <i>podcast</i>					Professora de Ciências
#06 Macrófitas no rio do Braz					Professora de Ciências
#07 O despejo do esgoto no rio do Braz					Não teve
#08 Gavião Chimango					Pescador da comunidade
#09 O impacto do microlixo em Canasvieiras					Oceanógrafa
#10 A relação do dinheiro com o meio ambiente em Canasvieiras					Professores de Ciências
#11 O microlixo na escola					Professora de Ciências

Quadro 3: Uso do roteiro que foi elaborado

Fonte: Ferreira (2023)

Por mais que houvesse um roteiro escrito pelos estudantes, houve, em virtude de a grande maioria ter convidados, a necessidade de falas mais espontâneas e de flexibilidade no roteiro. Nesse sentido, o que acabou guiando os estudantes foi a pauta (com os itens a serem abordados), com exceção do episódio #7 “O despejo do esgoto no rio do Braz” que não teve convidados e os estudantes acabaram seguindo o roteiro quase que por completo.

¹³ Companhia Catarinense de Água e Saneamento.

Propor um planejamento e um roteiro aos estudantes serviu como guia das ações envolvidas na produção do *podcast*. Por outra via, pode-se compreender, contudo, que o planejamento se centrou apenas no gênero *podcast* visto como unidade e na produção por cada grupo, desconsiderando um contexto maior da publicação do conjunto que esses *podcasts* comporiam em termos dos episódios da temporada. Já o roteiro poderia ter ganhado um uso mais estratégico, de modo que os/as estudantes alternassem entre leitura e fala espontânea.

De acordo com as instruções ofertadas pela professora pesquisadora, os/as estudantes tinham a possibilidade de planejar o roteiro e a organização da gravação. Nesse momento de planejamento inicial, eles/as elencaram então algumas possíveis problemáticas ambientais identificadas por eles/as, como indica o Gráfico 2, e a partir disso cada grupo selecionou um tema para o *podcast*.

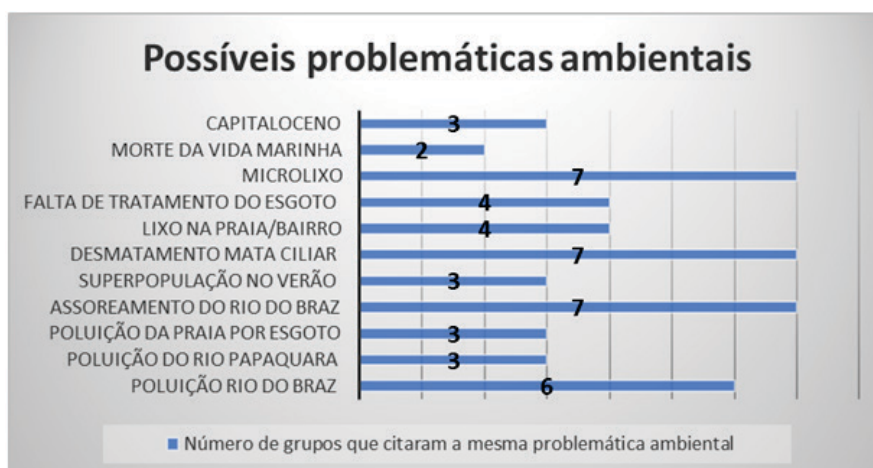


Gráfico 2: Lista de problemáticas ambientais elaboradas

Fonte: Ferreira (2023)

Na lista com as possíveis problemáticas ambientais levantadas pelos grupos, nota-se que muitos acabaram citando a mesma problemática ambiental, como o microlixo, que foi citado por sete grupos, ou a poluição do rio do Braz, citada por seis grupos. Além das questões levantadas no Gráfico 2, houve exceções de propostas que não se repetiram, como o gás carbônico que afeta a atmosfera, a poluição do solo, as Áreas de Preservação Permanente – APP, a ação antrópica, as moradias que impedem o acesso à praia e a saúde pública afetada por problemáticas ambientais.

Segundo o Quadro 4, quase todos os grupos, em algum momento da gravação, fizeram referência à poluição do rio do Braz. Esse fato tem relação com as práticas ambientais de análise da água do rio do Braz realizadas no projeto da Escola do Mar. Por mais que os estudantes tenham realizado a visita ao bairro para conhecer melhor e observar o meio ambiente, a prática de análise da água do rio do Braz prevaleceu entre as falas dos estudantes, provavelmente por esse tema ter tido ampla cobertura da mídia dominante em anos anteriores, além de ter sido tópico da pesquisa de campo. Faria mais sentido que as informações não se repetissem e houvesse uma progressão de temas entre os episódios compondo a unidade temática da temporada, o que tem a ver com o planejamento da mídia.

Episódio	Tema	Fala dos estudantes, nos <i>podcasts</i> gravados, relacionadas à poluição do rio do Brás
#1 Superpopulação em Canasvieiras	Superpopulação	“A gente vê até que o rio do Braz ele tá poluído justamente por essa questão de que tem muita gente, né? ((toma fôlego)) Como que::: tudo isso afeta no meio ambiente? Como que isso reflete?”
#2 O tratamento de esgoto em Canasvieiras	Falta de tratamento do esgoto.	“E agora, mudando um pouco o tópico, a gente gostaria de falar um pouco sobre o rio do Braz” “É:: eu queria falar agora sobre:: os testes que a gente fez no rio do Brás, na nossa saída de estudo, e:: que a gente achou coliformes fecais”.
#3 A poluição no rio do Braz	Poluição do rio do Braz	“Vamos falar sobre a situação que está o rio [do Braz] e propor uma solução.” “Muitos falam que o:::, a poluição do rio do Braz, foi por causa do acidente da CASAN, né?” “E dá pra perceber que o rio está morrendo, por causa disso, [barra do rio fechada] né?”
#4 A poluição no rio do Braz	O desaguamento do esgoto no Rio do Braz	“hoje nós vamos falar sobre o desaguamento do esgoto no rio do Braz” “Agora, a gente vai falar sobre a situação atual do rio do Braz, e sobre o que nós vimos na última vez que nós fomos:::s fazer a pesquisa”
#5 Rio do Braz <i>podcast</i>	Poluição do rio do Braz	“Hoje vamos falar com vocês ouvintes sobre a poluição do rio do Braz, e como isso afeta as nossas vidas aqui em Canasvieiras e a economia local, como comércio, lojas, hotéis, restaurantes.” “>É, eu queria perguntar uma coisa<: como vocês acham- é:: como você acha que o turismo reflete na <u>poluição</u> do rio do Braz?”
#6 Macrófitas no rio do Braz	A presença de macrófitas no rio do Braz	“No <i>podcast</i> de hoje vamos falar sobre a... existência de macrófitas no rio do Braz.” “No rio do Braz tem muitas macrófitas, ou seja, isso significa que o rio do Braz está poluído.”
#7 O despejo do esgoto no rio do Braz	O despejo inadequado de resíduos no Rio do Braz.	“Fomos até a Igreja São Francisco de Paula e conhecemos as origens do bairro. Visitamos os rios Papaquara e do Braz. O que mais me chamou a atenção foi o rio do Braz.”
#8 Gavião Chimango	Poluição dos rios de Canasvieiras	“Queriamos:- queria saber se o:- se o fechamento do rio do Braz, o:: estado dele no momento, atrapalha na pesca.” “E você acha que tem alguma chance ainda de algum dia ter o reabrimento do rio do Braz?”
#9 O impacto do microlixo em Canasvieiras	Microlixo	Não há referência ao rio do Braz.
#10 A relação do dinheiro com o meio ambiente em Canasvieiras	Capitaloceno	“Sim, Thomas. É o caso do rio do Braz que foi fechado para não poluir ao mar e manter os turistas na praia gastando os ↓seus dinheiros.”
#11 O microlixo na escola	Microlixo na escola	Não há referência ao rio do Braz.

Quadro 4: Temas abordados para a produção de *podcasts*

Fonte: Ferreira (2023)

Cada um dos grupos abordou o tema escolhido, desenvolveu-o e, de certo modo, mencionou o rio do Braz, com exceção dos episódios #9 e #11. Tomemos, como exemplo, o episódio #1, em que os estudantes começaram a gravação falando sobre a superpopulação, com temas como: infraestrutura local, relações com a economia e meio ambiente, possíveis soluções para essas questões, turismo cultural e motivo da migração para Florianópolis. No final, contudo, com o mote “pra gente encerrar o assunto”, abordaram a poluição do rio do Braz associada à superpopulação. A entrevista seguiu a temática programada pelos estudantes, entretanto, foi marcada pelo tema das saídas de estudo para avaliação da água do rio do Braz. A seguir, podem ser conferidas, respectivamente, as perguntas que eles fizeram e que nortearam a entrevista realizada com o professor de História da escola (Episódio #1, grifo nosso):

- 1 - “Professor, o:: o que o senhor pensa a respeito da infraestrutura da ilha?”
- 2 - “>O senhor< acha que... ainda tem espaço pra comércio, pra mais estradas, >rodovias, viadutos<, áreas de lazer?”
- 3 - “O:: senhor acha que a::: a Ilha ainda consegue comportar mais espaço, tipo ter mais espaço de prédio, casa, coisa assim?”
- 4 - “Canasvieiras é um lugar muito turístico, né? >Quando as pessoas vêm pra Floripa<, já imaginam Canasvieiras, Ingleses, Beira-mar, e::: quanto mais >por exemplo<, restaurantes, lojas, forem se abrindo, é, vai fazer a economia, o dinheiro girar, certo? - Mas também tem a questão ambiental, e aí como que a gente consegue equilibrar as duas coisas? A econômica e a ambiental?”
- 5 - “O ↑senhor saberia motivações, do porquê que a gente precisa, assim, MUDAR... essas coisas, e como a gente conseguiria mudar?”
- 6 - “O problema é justamente esse, né, as pessoas vêm pra cá pra poderem ver, rever as praias, turismo mesmo, mas não têm muito essa parte da cultura, né? -- E por que que alguns lugares a gente vê mais essa exposição de cultura, e em outros a gente vê menos?”
- 7 - “Qual é a diferença que tu noto:::u dentre os anos que::: você estando- >vivendo aqui na região< de Canasvieiras, sobre a população, tipo, vendo novas pessoas conforme os anos, como foi::: crescendo a população?”
- 8 - “Então, pelo jeito, de lá pra cá, já mudou bastante, né?”
- 9 - “Floripa é um lugar muito turístico, né? E, mas além dessas belezas turísticas, que as pessoas vêm pra poder ver, a gente- Não vêm só pessoas de fora do País, como pessoas de dentro, também, né, do Norte, enfim. O quê que mais chama atenção delas pra vir morAr pra cá? Não só o turismo, mas também pras pessoas virem morAr aqui?”
- 10 - “Então, professor, é::: pra gente encerrar o assunto, já né, chegar ao fim do *podcast*, a gente vê até que **o rio do Braz** ele tá poluído justamente por essa questão de que tem muita gente, né? ((toma fôlego)) Como que::: tudo isso afeta no meio ambiente? Como que isso reflete?”

É possível perceber que os episódios que não falam sobre a poluição do rio do Braz (episódios #9 e #11) abordaram temas sobre o meio ambiente que não são recorrentes na grande mídia, como o microlixo, mas, ainda assim, ficam dispersos em termos de uma unidade da temporada.

5 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

O trabalho com o *podcast* efetivamente gerou textos reconhecíveis como exemplares do gênero estudado. Os/as estudantes tiveram uma oportunidade de experimentar e pensar sobre a linguagem, com uma reflexão que aprofundou aspectos relativos aos usos da oralidade e à leitura crítica da mídia, principalmente no que tange às práticas jornalísticas orais.

A experiência também evidenciou aspectos que poderiam ser trabalhados de outro modo. O primeiro problema que se nota, da discussão na seção anterior, é o fato de que os episódios repetiam temas. Esse problema está atrelado a dois condicionantes: as decisões no tocante ao planejamento da mídia e a coleta de informações para compor cada episódio.

O primeiro condicionante, portanto, e o mais importante, é o fato de os/as estudantes não terem sido direcionados para um trabalho coletivo de construção da mídia: qual linha editorial iriam implementar (o tema a enfatizar e o tipo de diálogo a estabelecer com o/a interlocutor/a). Se o grupo tivesse discutido e decidido por um tema único com subdivisões, cada equipe poderia eleger um subtema do tema geral, de modo que os episódios não se repetiriam e ficaria mais claro, para o/a interlocutor/a, qual seria o projeto de dizer permeando toda a temporada.

A pesquisa, em um primeiro momento, voltou-se para o *podcast* como gênero e, num segundo momento, como mídia. Contudo, ela acabou não abarcando consistentemente ambos os elementos. Ao se centrar no *podcast* como gênero mediado se perdeu de vista a mídia e, no segundo momento, ao focalizar a mídia, se perdeu de vista o gênero. Por exemplo, se um *podcast* como mídia já existia no colégio e ele seria usado, não se tratava de criar um podcast do zero, mas de desenvolver uma segunda temporada para aquele que já existia. Essas eram as condições do trabalho: de uma mídia já constituída. Se essa discussão tivesse sido feita nesse momento, a temporada ganharia maior clareza de projeto e o próprio trabalho das equipes ganharia em consistência. Essas decisões, contudo, são difíceis, pois a adaptação de construtos teóricos vai ocorrendo juntamente com a própria experiência didática.

O segundo condicionante da repetição dos temas foi a relação do *podcast* com o projeto “Rios e Mar”. As saídas a campo, ao que tudo indica, foram lidas pelos alunos como um trabalho escolar que deveria ser expresso na forma de um *podcast*. Nesse sentido, cada equipe acabou se centrando mais nos dados dessas saídas de campo do que em uma tentativa de diálogo com o/a interlocutor/a, com a comunidade. Ou seja, o gênero ficou um pouco escolarizado, embora compreendendo, em algum grau, também uma experiência de diálogo com a comunidade.

Para além da repetição dos temas, o segundo problema diz respeito à própria produção do gênero. Como o fio condutor foi a organização do *podcast* (a produção do áudio), não houve o momento de pensar como esse gênero produzido se relacionaria com o hipergênero visualizador. Esse trabalho integrado também poderia favorecer uma maior consistência do projeto global da temporada e da produção do episódio.

Um terceiro problema, esse de caráter mais geral, foi o pouco espaço para uma elaboração mais crítica do debate sobre ambientalismo. A discussão da mídia *podcast* e de seu hipergênero visualizador em termos das propostas ocorrentes no interior do movimento ambientalista e das diversas posições em disputa na sociedade poderia deixar mais claro para os/as estudantes sobre quais posições debater e aderir. Nesse contexto do conjunto dos posicionamentos, os conhecimentos provenientes das aulas da Escola do Mar poderiam ter sido lidos no bojo dos movimentos sociais e da participação política relativa a esse tema, fugindo ao teor enciclopédico que muitas vezes permeia as abordagens didáticas de temas nessa área.

Assim, ao lado dos ganhos que a experiência gerou para o conhecimento dos/as estudantes, ela também serve como um horizonte a partir do qual se possa pensar em caminhos distintos a se percorrer em futuras experiências didáticas deste tipo. Nossa percepção crítica aponta para um trabalho que possa contemplar uma sequência do seguinte tipo:

- a) Análise do hipergênero mediador: primeiramente do visualizador e depois do editor. Nesse caso, as análises tanto podem abarcar o funcionamento da mídia, como já uma análise de como as posições políticas e discursivas sobre o tema estão expostas nos *podcasts* analisados e quais os/as interlocutores/as envolvidos/as.
- b) Reflexão sobre a mídia, principalmente no sentido de se pensar as escolhas na construção de uma linha editorial em termos das possibilidades que essa mídia aporta. Nessa etapa, também pode ser discutida a questão das relações de poder em torno das mídias e os interesses envolvidos. Se a opção é por um *podcast* jornalístico, devem ser confrontados os posicionamentos do jornalismo independente e do dominante.
- c) Discussão crítica sobre o ambientalismo, aqui relacionando os conhecimentos científico (a degradação decorrente do despejo de esgoto, por exemplo) e as posições políticas sobre o tema (as desigualdades sociais que levam um país como o Brasil a ter pouco tratamento de esgoto, os interesses das grandes corporações etc.). Citamos aqui o trabalho crítico com o ambientalismo em referência à experiência didática desenvolvida, mas outras opções temáticas podem ser eleitas e estar como base desse

momento do trabalho: desigualdade gênero, questões raciais, trabalho e relações de classe, acesso ao conhecimento, dominação cultural, geopolítica etc.

Ajustes como esses podem favorecer outras formas de entrosamento dos/as estudantes com o gênero e de sua aprendizagem dos conteúdos de língua a ele relacionados. O desenvolvimento da leitura crítica da mídia, contudo, é um trabalho que exige tempo e que deve ser um projeto constante durante toda a educação básica.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de ensino e aprendizagem aqui relatada compreendeu a realização efetiva de uma prática, favorecendo aos/as estudantes o envolvimento em uma questão social (problemas ambientais do norte da Ilha de Santa Catarina) e o manejo de usos efetivos de linguagem (planejamento, produção, edição e circulação de um gênero oral em contexto digital e multimodal).

O uso desse gênero, compreendendo os elementos que o constituem, viabilizou a experiência com uma mídia digital atual. Além disso, favoreceu a imersão dos/as estudantes em práticas de letramento altamente presentes e valorizados na sociedade atual, como a edição de áudio e o domínio da fala pública.

Resultou muito favorável também o trabalho interdisciplinar envolvendo língua portuguesa e ciências (via Escola do Mar). A experiência evidencia que esse tipo de trabalho pode se sedimentar, com grande vantagem para os componentes curriculares envolvidos, conforme edições futuras do projeto possam ir ocorrendo.

Em termos do planejamento da mídia/gênero nesta experiência, houve uma circunstância real de interação, da qual os/as estudantes puderem se valer para pensar os usos de linguagem. O projeto de dizer desses/as estudantes, contudo, ainda deslizou para um contorno escolarizado, o que dificultou a explorar toda a potencialidade da mídia e do hipergênero *podcast*. Não podemos, no entanto, ler a experiência com um equívoco ou insucesso, mas como um pilar necessário (e fundamental) para o ganho crítico que fundamentará outras experiências. Aprofundamentos de experiências desse tipo (p. ex., do conhecimento didático a elas pertinente) dependem de novas realizações e leituras críticas, como a que procuramos tecer no presente artigo.

REFERÊNCIAS

BALTAR, M. A. R. *Rádio escola*. São Paulo: Cortez, 2013.

BONINI, A.; YANO, D. de C.; REMPEL, G. A Análise Crítica de Gêneros do discurso. In: BONINI, A.; YANO, D. de C.; REMPEL, G. (org.). *Gêneros jornalísticos em uma perspectiva crítica: pesquisa e ensino no chão da escola*. 1 ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 19-54.

BONINI, A. O jornal escolar como mídia contra-hegemônica – jornalismo de escola não modelado pelo jornalismo comercial dominante. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 17, n. 2, p. 165-182, maio/ago. 2017.

BONINI, A. Análise crítica de gêneros discursivos no contexto das práticas jornalísticas. In: SEIXAS, L.; PINHEIRO, N. F. (org.). *Gêneros: um diálogo entre Comunicação e Linguística Aplicada*. Florianópolis: Insular, 2013. p. 103-120.

BONINI, A. Mídia/suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base nacional comum curricular*. Educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Brasília: MEC/SEB, 2018. (Versão completa, lançada uma não depois da versão parcial).

BULLA, G. da S.; GARCEZ, P. de M.; LODER, L. L. Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos. *Revista Delta*, v. 30, n 2, p. 257-258, 2014.

COMO planejar seu *podcast*. Arena Podcast – Campus Party Digital, Edition 2020. [S.l: s.n.], 2020. 1 vídeo (02:01:53), publicado pelo canal Abpod – Associação Brasileira de Podcasters. Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=xEMIFh6UTbY>. Acesso em: 6 maio 2022.

DEMO, P. *Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos*. 2. ed. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. A disciplina e a Prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Tradução de Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artimed, 2006.

DINO, P. (org.). *O discurso oral oculto*. 2 ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo; Gláís Sales Cordeiro. 3. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

FERREIRA, H. M.; VILLARTA-NEDLER, M. A. O *podcast* como gênero discursivo: oralidade e multissemiose aquém e além da sala de aula. *Letras especial* 2020, n. 1, p. 35-55, 2020.

FERREIRA, L. S. dos R. *A produção de gêneros jornalísticos orais em podcasts sobre problemáticas ambientais: uma experiência de ensino-aprendizagem de língua portuguesa a partir do jornalismo independente*. 2023. 308f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2023.

FREIRE, E. P. A. *Podcast na educação brasileira: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação*. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

LOTTERMANN, G. F. *O gênero discursivo digital podcast aplicado à educação: pressupostos teóricos e práticos*. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2022.

MARCHUSCHI, L. A. A oralidade no contexto dos usos linguísticos: caracterizando a fala. In: DIONISIO, A. P.; MARCHUSCHI, L. A. (org.). *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROH, D. (org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

MOTTA-ROTH, D. Análise crítica de gêneros: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 341-383, 2008.

TÁVORA, A. D. F. *Proposta de construção teórica para o conceito de suporte de gêneros*. 2008. 178f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

UCHÔA, J.M. S. Revisando o conceito de *podcast* educacional como gênero do discurso. *Revista Anthesis*, v. 7, n. 13, p. 83-99, 2019.



Recebido em 13/10/2023. Aceito em 11/12/2023.